



Estudos Geográficos

Revista Eletrônica de Geografia

Geografia em cena: espaços não formais de ensino e o semiárido através do teatro e da literatura de cordel

Airton Souza da Cruz¹  

Pedro Ricardo da Cunha Nóbrega²  

RESUMO: A arte é pensada como recurso didático para apresentar o semiárido através do uso do teatro com a sua ludicidade e múltiplas expressões para a leitura da realidade, associado ao uso da literatura de cordel, assimilando, através dos versos rimados, as especificidades regionais inseridas no cotidiano dos sujeitos. O trabalho tem por objetivo desenvolver a Geografia do semiárido por meio do teatro e da literatura de cordel no espaço não formal de ensino, a Associação Cultural Raízes e Asas (ACRA), localizada na cidade de Campo Formoso (BA). O procedimento de pesquisa adotado neste artigo é o qualitativo descritivo, que começa pela revisão de literatura, seguido da aplicação de entrevista estruturada na associação, produção do cordel e a execução do projeto. Tendo como resultado o desenvolvimento da arte em atividades educacionais em espaços não formais de ensino, através do teatro e do cordel, o projeto apresenta o semiárido de forma lúdica, estimula a curiosidade do público sobre temáticas geográficas e conecta essas temáticas às experiências dos estudantes, promovendo também as expressões do aluno por meio da fala, da escrita e do corpo, e baseando-se no aspecto visual da observação.

Palavras-chave: Ensino de Geografia; Teatro e Literatura de cordel; Espaços não formais.

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Ensino – PPGENS/Univasf. Atua como membro do Grupo de Estudos e Pesquisa sobre a Produção Social do Espaço – GEPPSE/Univasf

² Doutor em Geografia Humana. Professor do Colegiado de Geografia – CGEO/Univasf, Professor do Programa de Pós-Graduação em Ensino – PPGENS/Univasf. Líder do Grupo de Estudos e Pesquisa sobre a Produção Social do Espaço – GEPPSE/Univasf.



Este artigo está licenciado com uma licença Creative Commons

GEOGRAPHY ON STAGE: NON-FORMAL EDUCATIONAL SPACES AND THE SEMI-ARID REGION THROUGH THEATER AND CORDEL LITERATURE

Abstract: Art is conceived as a didactic resource to present the semi-arid region through theater, with its playfulness and multiple forms of expression for understanding reality, associated with the use of cordel literature, which, through rhymed verses, conveys the regional specificities embedded in the daily lives of individuals. The study aims to develop Geography of the semi-arid region through theater and cordel literature in non-formal educational spaces, specifically at the Associação Cultural Raízes e Asas (ACRA), located in Campo Formoso (BA). The research is qualitative and descriptive, beginning with a literature review, followed by structured interviews at the association, cordel production, and project implementation. As a result, the project presents the semi-arid region in a playful manner, stimulates the audience's curiosity about geographical topics, connects these topics to the students' experiences, and also promotes students' expressions through speech, writing, and body, drawing on the visual aspect of observation.

Keywords: Geography Teaching; Theater and "Literatura de Cordel"; Non-formal Spaces.

GEOGRAFÍA EN ESCENA: ESPACIOS DE ENSEÑANZA NO FORMAL Y EL SEMIÁRIDO A TRAVÉS DEL TEATRO Y LA LITERATURA DE CORDEL.

Resumen: El arte se concibe como un recurso didáctico para presentar el semiárido mediante el uso del teatro, con su ludicidad y múltiples expresiones para la lectura de la realidad, asociado al uso de la literatura de cordel, que, a través de los versos rimados, asimila las especificidades regionales presentes en la vida cotidiana de los sujetos. El trabajo tiene como objetivo desarrollar la Geografía del semiárido a través del teatro y la literatura de cordel en espacios de enseñanza no formal, en la Asociación Cultural Raíces y Alas (ACRA), ubicada en la ciudad de Campo Formoso (BA). El procedimiento de investigación adoptado en este artículo es cualitativo descriptivo, que comienza con la revisión de literatura, seguido de la aplicación de entrevistas estructuradas en la asociación, la producción del cordel y la ejecución del proyecto. Como resultado, el proyecto desarrolla el arte en actividades educativas en espacios de enseñanza no formal, mediante el teatro y el cordel, presenta el semiárido de forma lúdica, estimula la curiosidad del público sobre temáticas geográficas y conecta estas temáticas con las experiencias de los estudiantes, promoviendo también las expresiones del alumno a través del habla, la escritura y el cuerpo, y basándose en el aspecto visual de la observación.

Palabras clave: Enseñanza de la Geografía; Teatro y Literatura de cordel; Espacios no formales.

INTRODUÇÃO

A Educação, entendida como meio de impulsionar o progresso e o desenvolvimento global, deve ter seu acesso facilitado, ser promovida de forma significativa e garantir qualidade em seus diversos percursos de aprendizagem, sejam eles formais, informais ou não formais.

A Educação formal pode ser associada à aprendizagem em ambientes organizados e estruturados, voltados à formação profissional. O ensino informal é entendido como um processo livre, com aprendizagens voluntárias, não organizadas e não deliberadas, mas baseadas na experiência cotidiana. Já a Educação não formal

é compreendida como uma forma de ensino organizada, estruturada e intencional, que ocorre fora do sistema geral de ensino (Patrício, 2019).

Para Gohn (2010), a Educação em espaços não formais pode ser definida como um processo de formação cidadã, que prepara o indivíduo a conviver em sociedade por meio de questões sociopolíticas, culturais e pedagógicas, em contextos que permitem o compartilhamento de saberes por associações, organizações, instituições e outros projetos sociais. Nesse sentido, trazer a Geografia para a prática nesses espaços é fundamental, possibilitando a construção de pertencimento e a compreensão dos elementos geográficos que cercam a vida dos sujeitos envolvidos.

Segundo Gadotti (2005), a Educação não formal se torna menos burocrática e hierarquizada. O autor ressalta que toda educação, de certa forma, representa uma dimensão do ensino formal, pois há intencionalidade de ensinar; o que muda são os cenários em que essa educação é aplicada, seja em ONGs, igrejas, sindicatos ou associações. A Educação não formal possui uma organização sistematizada, porém flexível, permitindo que o indivíduo siga seu próprio ritmo de aprendizado, respeitando diferenças e particularidades.

Nesse cenário, a abordagem educativa em espaços não formais se mostra relevante, embora ainda pouco valorizada pela sociedade e escassamente explorada pela pesquisa científica (Gohn, 2010). Por isso, a arte se torna um importante aliado na construção social desses espaços, especialmente o teatro e a literatura de cordel, permitindo que os sujeitos experimentem novas significações no processo de compreensão do mundo, instiguem a mente e expressem o conhecimento adquirido, sempre atrelado à ciência geográfica de forma lúdica.

Para Burla (2009), o teatro educa por meio de representações que trazem desdobramentos na vida cotidiana. Considerando o momento atual, em que a educação está fortemente ligada às tecnologias, como computadores e celulares, o teatro se apresenta como forma de expressão que possibilita vínculos com o conhecimento, mobilizando a compreensão do mundo, do corpo, da linguagem e da expressão do sujeito. Isso permite múltiplas interações, facilitando o processo de ensino-aprendizagem para além das telas e do mundo digital.

Interpretar o teatro e sua ludicidade como forma de ensino, num contexto em que várias perspectivas fragilizam a educação, mostra-se como um caminho transformador. O teatro-educação e a ludicidade podem reconectar os indivíduos com seu corpo e a coletividade, evidenciando a arte como potencial político. Nesse sentido,

o teatro é um recurso a ser utilizado para promover liberdade de expressão cultural e econômica, contribuindo para uma perspectiva didática que fortalece a democracia racial, econômica, política e cultural (Costa, 2004).

A literatura de cordel é definida como “(...) um gênero literário que se constitui de um tipo de poesia narrativa popular, característica peculiar da literatura que auxilia o entendimento das mais variadas temáticas (...)” (Silva; Silva et al., 2014). Como manifestação artística do Nordeste brasileiro, o cordel é um clássico que se adapta a diferentes obras e gêneros. A ação do cordelista, por meio de um neologismo, constitui seu diferencial, aprimorando obras em múltiplas conexões artísticas e revalorizando a arte popular (Ribas; Malafaia, 2021).

O cordel permite atrelar sua linguagem poética aos saberes geográficos de forma dinâmica e criativa, transformando os espaços não formais em oportunidades de trabalhar conteúdos curriculares. Dessa forma, diferentes temáticas geográficas podem despertar nos sujeitos a aptidão para assimilar o conhecimento, relacionando poesia, costumes locais e especificidades regionais, em busca de uma nova didática que contribua para sua aprendizagem (Barros; Barbosa, 2007).

Segundo Sá e Silva (2010), o Semiárido brasileiro abriga uma população voltada para atividades agropastoris dependentes da chuva. Predomina a vegetação denominada Caatinga, limitada ao Brasil, com fauna e flora em grande parte endêmicas, considerada um patrimônio biológico. O semiárido também conta com instituições de desenvolvimento que impulsionam a agricultura por meio da irrigação, impactando a estrutura social e a organização da população.

Para Silva (2007), a região semiárida caracteriza-se pela aridez climática, hidrografia frágil, baixas chuvas e solos pobres em matéria orgânica. No entanto, é necessário superar o paradigma que padroniza a região como pobre e sem utilidade social, econômica ou política. Essa visão reforça estigmas e elimina a possibilidade de refletir sobre sua grande diversidade humana e cultural. A compreensão da variedade natural, econômica, política, social e cultural do semiárido deve ser explorada tanto na escola quanto nos espaços não formais.

Este trabalho tem como objetivo apresentar a Geografia do semiárido por meio do teatro e da literatura de cordel no espaço não formal de ensino da Associação Cultural Raízes e Asas (ACRA), em Campo Formoso (BA), contribuindo para a formação social e educacional de crianças e adolescentes. Busca-se, por meio de

práticas educativas, orientar novos caminhos de aprendizagem construídos para além dos muros escolares, de forma participativa e lúdica.

PERCURSO METODOLÓGICO

O procedimento de pesquisa utilizado para a elaboração deste estudo foi o qualitativo descritivo, que, segundo Neves (1996), caracteriza-se pela interpretação de fenômenos em que o pesquisador tem contato direto ou interativo com a situação objeto de estudo. Na pesquisa qualitativa há a descrição da complexidade de uma problemática, compreendendo e classificando as dinâmicas ocorridas durante o desenvolvimento a fim de contribuir no processo de mudança de forma particular para cada indivíduo (Dalfovo, Lana, Silveira, 2008).

O trabalho foi dividido em quatro etapas:

Na primeira etapa, a construção da revisão de literatura foi essencial para o desenvolvimento da rotina da pesquisa na busca por fundamentações que se alinhassesem no caminho do teatro e da literatura de cordel em espaços não formais de ensino. Segundo Echer (2001), a revisão de literatura é necessária para que o pesquisador acredite na importância e na qualidade do seu estudo.

A segunda etapa foi realizada com o intuito de entender o funcionamento da associação (ACRA) e fez-se necessário a aplicação de uma entrevista estruturada com dois dos representantes codificados como Pessoa 01 (tesoureiro, diretor e articulador cultural) e Pessoa 02 (diretor de imprensa e articulador cultural), ambos assíduos e com maior representação na realização de projetos da instituição. Buscou-se conhecer o objetivo da instituição, o público-alvo que trabalha, a relação da instituição com trabalhos acadêmicos e pesquisas científicas, como também se há pautas geográficas e as respectivas temáticas trabalhadas na atuação da associação na comunidade.

Na terceira etapa, para a construção da literatura de cordel como texto base para a apresentação teatral, foi necessário pesquisar as diversas temáticas que englobam o clima semiárido como a fauna, flora, hidrografia, aspectos sociais e a diversidade cultural. Com isso, a literatura de cordel produzida (Apêndice A) foi dividida em partes/cenas, de acordo com cada tópico pesquisado, sendo estruturado com foco para o teatro, levando em consideração a idade do público-alvo e a forma lúdica para a aprendizagem durante a encenação.

Com a literatura de cordel elaborada, a aplicação do projeto foi feita para um público de aproximadamente 25 crianças e adolescentes com faixa etária de 8 a 12 anos. Todo o público faz parte das atividades que a associação oferece semanalmente, visto que essas oficinas, cursos e aulas voltadas para o teatro, dança e fanfarra são oferecidas para o público infantojuvenil dos bairros periféricos da cidade de Campo Formoso (BA).

Durante o esquete teatral, o personagem, fazendo uso de vestimentas remetentes a literatura de cordel, foi apresentando-a com pequenas pausas de uma temática para a outra, durante essas pausas foram feitas algumas explicações sobre o que foi apresentado na cena anterior, buscando sempre a participação do público presente. Isso permitiu o uso das expressões teatrais através da fala e do corpo do personagem, com os ensinamentos geográficos recitados através da literatura de cordel, dando exemplos do que é visto no cotidiano dessas crianças e adolescentes.

O ESPAÇO NÃO FORMAL DE ENSINO

Segundo Gohn (2011), até a década de 1980 a educação não formal não recebia valorização, nem na formulação de políticas públicas, nem entre educadores do ensino formal. Com o tempo, surgiram projetos de alfabetização de jovens e adultos, visando à inserção no contexto urbano-industrial. Durante décadas, a educação ficou restrita aos limites da escola, e os espaços não formais eram vistos com desconfiança. Aos poucos, passaram a ser reconhecidos como complementares à escola, promovendo práticas educativas socializadoras e democráticas, nas quais o educador estimula a curiosidade e o aprendizado, função que também se mantém no ensino formal.

Libâneo (2010) ressalta que a educação formal vem sendo descartada como único modelo educacional, tendo a educação em espaços não formais como uma das maneiras intencionais de compartilhar saberes, diferenciando-se do ensino formal no grau de estruturação e sistematização. O ensino em espaços não formais contribui para a construção de uma sociedade com ênfase na compreensão da totalidade, num contexto que atrela vida social, econômica e cultural. Desse modo, a educação é vista como um fenômeno social que colabora para a formação do homem e da sociedade, processo que ocorre em diversas instituições (sociais, culturais, escolares etc.).

Com as noções de educação democrática e da diversidade de indivíduos presentes nesses espaços não formais de ensino, Freire (2011) destaca a importância

de estar aberto ao diálogo com os educandos, considerando sua realidade social e correlacionando sua condição de existência com os espaços de formação, para além da sala de aula. Além disso, no ensino em espaços não formais, o educador deve instigar a curiosidade do aluno, explorando esses espaços de modo a integrar os currículos já ofertados no ensino escolar.

O que motiva o aluno a participar de um processo educativo em espaços não formais é o desejo de potencializar suas habilidades de comunicação, a possibilidade de interagir com outros sujeitos, discutir e organizar ideias, entre outros fatores. É importante destacar que, nesse processo, a educação formal se torna aliada, fortalecendo o ensino nos espaços não formais e amenizando as dificuldades surgidas nas escolas. Com isso, as práticas pedagógicas promovem uma educação menos burocrática e favorecem formas de socialização que tornam o indivíduo crítico e atuante, respeitando os saberes de cada um (Fernandes, 2015).

Oliveira e Neto (2021) relatam que a educação formal, por muito tempo, foi oferecida de forma “bancária”, sobretudo quanto aos estudos referentes ao semiárido, em que o professor transmitia o conhecimento e os alunos tinham que assimilar sem reflexão ou contextualização. No entanto, uma educação contextualizada possibilita ao aluno a construção de múltiplas significações, ressignificações e pertencimento em relação à sua região. Isso promove a quebra de paradigmas sobre as características nordestinas e, principalmente, acerca da realidade do semiárido.

Nesse sentido, a utilização das artes, como o teatro, aproxima a educação básica do espaço não formal, servindo de orientação ao docente, visto que essas associações surgem como locais de aprendizado nos quais algumas crianças têm a oportunidade de acesso. Além disso, a arte é um relevante aliado na construção do ensino e da aprendizagem, suprindo a carência de estudos dos alunos por meio das práticas teatrais, numa metodologia voltada à compreensão, apreensão e transformação da vida dos sujeitos (Pereira; Guilarduci, 2022).

Em consonância com as experiências de estágio em espaços não formais, Pizza (2022) trabalhou a percepção de como os discentes utilizavam os saberes nesses contextos, possibilitando o contato com uma diversidade de indivíduos e com variadas formas de ensinar, aprender e produzir. Isso permitiu conhecer a pluralidade de conteúdos que antes ficavam restritos à educação básica, auxiliando o futuro professor na escolha dos métodos mais adequados ao trabalho pedagógico. Essa modalidade também favorece o desenvolvimento da autonomia docente, permitindo a

criação de novos modelos formativos, já existentes ou elaborados pelo próprio professor, de acordo com as necessidades específicas do público em formação.

Assim, ao se trabalhar o reconhecimento e o enraizamento por meio da arte em espaços de educação não formal, essas experiências contribuem para a formação cidadã, atenta aos argumentos sociopolíticos e à consciência sobre os acontecimentos das gerações passadas e as raízes culturais que moldam a história e a atualidade do público-alvo. Dessa forma, a arte se destaca no processo de quebra de paradigmas, abrindo espaço para narrativas que resgatam memórias e fortalecem identidades coletivas (Simão, 2022).

A existência desses ambientes, projetos e atividades paralelas à educação formal estimula o pensamento integrado e abre possibilidades para a criação de metodologias experimentais que, embora ainda não validadas nos espaços acadêmicos tradicionais, trazem inovações que favorecem a diversidade e a inclusão.

TEATRO E LITERATURA DE CORDEL NO ENSINO DE GEOGRAFIA

A importância de trabalhar com projetos culturais/sociais é fortemente identificada através da possibilidade de impulsionar a democratização de áreas menos favorecidas em vários aspectos, tais como: educação, economia, valores sociais etc. No entanto, esses projetos têm recebido pouca atenção das universidades e seus pesquisadores com relação às preocupações que englobam o contexto social, como crianças e adolescentes que vivem de forma vulnerável. Sendo assim, busca-se na Educação não formal uma das ferramentas principais para a formação cidadã, independentemente do seu nível social ou escolar, unindo métodos diversos de trabalho num resgate de riqueza cultural e de potencialização na fase de escolarização de crianças, adolescentes e jovens (Gohn, 2009).

A arte teatral, no ensino de Geografia, surge como forma de proporcionar aprendizagem significativa através de novas metodologias em que o aluno possa se expressar com liberdade por meio de jogos teatrais, promovendo maior interação entre educando e preceptor. Ao trabalhar o teatro, o aluno, mesmo que envergonhado, participa de uma aprendizagem reflexiva, crítica e vivenciada de fato, podendo desempenhar através de experimentações uma gama de conteúdos da Geografia (Soares, 2013).

Numa relação entre realidade e imaginação, o teatro surge como apoio didático no ensino de Geografia incentivando a reflexão, a criticidade e a inventividade. A partir das práticas teatrais é possível propor soluções sobre diversos temas das disciplinas escolares. Essas práticas teatrais unidas à ciência geográfica fazem com que o professor e aluno tornem-se pesquisadores de temáticas, transformando em arte a leitura da ação do homem no espaço geográfico (Silva, 2018).

Silva (2018) aponta que o ensino através do teatro vai além da linguagem falada, como os gestos, as vestimentas, a sonoridade, criando uma conexão entre a plateia e obra. Com isso, a interação entre o ator/professor e o público é fundamental para se construir um ambiente de ampla troca.

Trabalhar a Geografia utilizando esquetes teatrais traz diversas possibilidades de problematização. Ao ser usado como recurso metodológico, o teatro possibilita o envolvimento comunitário e o uso de ambientes que reafirmam a identidade do indivíduo. Os esquetes teatrais de curta duração, acompanhadas de reflexões propostas nas cenas, surgem como proposta pedagógica que auxiliam na formação do professor como transformador social, integrando junto à família, à comunidade e à escola, facilitando a compreensão do mundo e do espaço extraescolar (Peluso, 2019).

O teatro surge como recurso para entender questões voltadas para a sociedade, numa interação entre a ciência e a arte, no qual o indivíduo interioriza aquilo aprendido ao assistir uma peça teatral, interpreta e transmite aquela mensagem (Santos; Santos, 2020). O teatro contribui com a Geografia no entendimento dos fenômenos espaciais, unindo aspectos históricos, sociais, geográficos etc. O que muda é a forma de interpretação do indivíduo frente aquilo assistido, criando seu próprio aprendizado de acordo com seus valores, crenças e convicções.

A literatura de cordel na Geografia

A aplicação da literatura de cordel, pautada na Geografia, surge como um novo processo de ensino, centrada na liberdade, experimentação e criatividade e que devido a sua força popular e seu baixo custo, seduz o público devido a sua proximidade da realidade (Silva, 2012). O uso do cordel permite a ampliação no campo da observação e da expressão do aluno, que acaba refletindo e desenvolvendo o pensamento crítico. Com destaque, é comum o uso de paisagens, regiões e lugares na literatura de cordel, palavras conceituadas pela Geografia que servem de

inspiração na construção dessa poesia popular, cabendo ao educador a construção de conhecimento a partir do uso de categorias e conceitos estudados.

Utilizando a literatura de cordel para o ensino de Geografia, é possível tornar o ensino mais didático, contribuindo na formação cidadã a partir das vivências do sujeito, motivando tanto o educando quanto o docente. Com isso, utilizando a literatura de cordel para os ensinamentos geográficos é concebível uma leitura descontraída sobre diversas temáticas, associando novos saberes aos conhecimentos já adquiridos durante sua formação escolar. A participação do aluno durante as leituras, torna-o mais reflexivo, persuasivo, entre outras relações (Menezes, Chiapetti, 2015).

Empregando a poesia cordelista na Geografia o educador precisa trazer, através dos seus versos, a realidade do aluno, estimulando os sujeitos a pesquisarem sobre a temática compreendida. Com isso, a literatura de cordel é utilizada como um recurso interdisciplinar para a Geografia, permitindo a valorização da cultura local, regional e as características que rodeiam o cotidiano do aluno. O cordel, como recurso didático, permite que seja apresentado ao indivíduo as características do espaço geográfico que faz parte, tendo o educador como mediador desse processo educativo, utilizando os versos curtos e rimados e a ludicidade da leitura para transmitir o conhecimento acerca da compreensão da sua realidade e da construção de sua identidade e autonomia (Rodrigues, 2017).

O uso da literatura de cordel traz para a didática de ensino a releitura de diversas obras literárias ou de novas temáticas através de rimas que provocam o encantamento do sujeito, instigando à leitura e a produção desses versos. O professor, nesta condição, participa também como mediador na utilização da metodologia cordelista, o preparo do ambiente com características regionalistas, com vestimentas que remetem a temática e com o compartilhamento da aula com os alunos, a leitura dos versos em rima tornam a relação do professor com aluno estreita, esse processo possibilita o aprendizado diferenciado, integrando a teoria com a prática e o conteúdo com a realidade (Cruz, 2022).

GEOGRAFIA EM CENA: SISTEMATIZAÇÃO E REFLEXÕES DIDÁTICAS

Com a aplicação da entrevista foi possível aferir que, a associação, através dos seus educadores sociais, busca trabalhar com o teatro, a música e a dança unindo a arte pelo social com o objetivo de dar visibilidade aos sujeitos em desenvolvimento do município de Campo Formoso (BA), trazendo as vivências

dos seus bairros para serem transformadas em arte. Gohn (2009) avalia o educador social como algo a mais que apenas um animador grupal, através dele e com o desenvolvimento de práticas a educação nesses espaços não formais se torna um caminho de mão dupla, em que ele ensina e aprende com os indivíduos com a primordialidade de saber entender e captar a cultura ao qual o sujeito está inserido.

Os trabalhos desenvolvidos dentro da organização estão sempre em parceria com as escolas, tendo como requisito a matrícula no sistema de ensino para fazer parte das atividades realizadas na instituição. Vale destacar também as parcerias com empresas que colaboram com a realização de projetos, cursos ou palestras. Essas ações podem contribuir na formação cidadã dessas pessoas e cria reflexos desde o seu lar até o bairro que faz parte num curto período.

Ao ser questionado sobre o envolvimento da associação em pesquisas acadêmicas, a Pessoa 01 destacou que a organização apenas recebia estudantes para vínculos de estágio, sendo a primeira vez que era realizado um estudo direcionado para a instituição, como identificado por Gohn (2010) trata-se de uma temática pouco investigada. Isso se faz importante no que diz respeito às formas em que a educação é trabalhada e como ela chega até o indivíduo, dando espaço para o conhecimento de novos recursos educacionais que fazem parte do dia a dia, mas não são vistos com um olhar instrutivo para a promoção do ensino e da aprendizagem. Partindo para a utilização da ciência geográfica dentro da associação foi possível entender como o coletivo trabalha com temas da Geografia e de que forma são feitos esses trabalhos, como cita a Pessoa 01 durante a entrevista:

Além dessa regionalidade, a gente trabalha a preservação do nosso bioma caatinga, como recentemente o espetáculo que produzimos que fala sobre a valorização do sertão. A gente já trabalha aqui a questão da identidade do espaço, da vegetação, indo nesse sentido (Pessoa 01).

É importante destacar o processo de produção dos espetáculos teatrais e como as crianças e adolescentes são inseridos nessa ação, o que permite que os alunos vivenciem e aprendam, através das expressões do corpo, da fala e das leituras de texto, os assuntos abordados naquela produção, facilitando a forma que é adquirido o conhecimento. Como destaca Vieira, Bianconi e Dias (2005) os espaços não formais contribuem para uma educação ainda mais compreensível

e bem direcionada permitindo a aptidão dos assuntos, suprindo o que o livro didático não oferece.

No que tange à apresentação teatral, houve uma recepção dos articuladores culturais e do público. O público somava um quantitativo de 25 pessoas com faixa etária entre 8 e 12 anos, todos já assíduos nas atividades realizadas na ACRA. No início da encenação foram recitadas canções que remetiam ao tema e que já eram conhecidas por alguns ali presentes que unindo aos trajes do personagem chamava a atenção da plateia para as próximas cenas apresentadas pelo ator.

Durante a recitação da literatura de cordel, com a devida divisão de temas (fauna, flora, temperatura, hidrografia, cultura e aspectos sociais), foi feita uma pequena explicação sobre questionamentos surgidos pelos alunos durante as cenas, instigando a curiosidade em saber mais sobre alguns pontos citados na cena anterior ou em alguns momentos exemplificar através das experiências adquiridas no cotidiano.

Com a divisão da literatura de cordel por tema, a fim de facilitar a compreensão, a resolução de questionamentos ao final de cada cena trouxe algumas considerações vindas do público presente, para isso, o Quadro 01 detalha a participação e a desenvoltura dos alunos em cada cena com determinada temática de acordo com a literatura de cordel.

Quadro 01- Participação do aluno em cada temática trabalhada.

TEMÁTICA	PARTICIPAÇÃO DOS ALUNOS
Sobre o clima semiárido	Alguns alunos desconheciam que a variação climática causa a irregularidade das chuvas ao longo do ano no semiárido. Foi necessário construir esse conhecimento por meio de atividades orais e discussão em sala.
Sobre a fauna	Por meio de imagens e do cordel, foram apresentadas espécies típicas do semiárido. Os alunos já conheciam muitas delas, mas não percebiam a relação desses animais com o bioma caatinga.

Sobre a flora	Assim como na fauna, houve o entendimento e a assimilação com o clima semiárido de algumas espécies de cactos como a planta de maior familiarização entre eles, fazendo-se necessário discutir e compreender sobre o processo de xeromorfismo, adaptação característica da vegetação distribuída geograficamente no semiárido.
Sobre a hidrografia e os aspectos sociais	Ao citar o rio São Francisco na literatura de cordel como o principal rio presente no clima semiárido, todo o público presente constatou a presença do curso d'água, contudo, durante a explicação das questões sociais e geográficas associadas ao rio os alunos puderam entender os impactos das construções das barragens e usinas hidrelétricas.
Sobre a cultura	O momento de discussão sobre a cultura foi o ponto alto da dinâmica. A apresentação teatral trouxe costumes e manifestações populares, e os alunos compartilharam exemplos e experiências próprias, como danças tradicionais e cultivo de grãos.

Fonte: Elaboração do autor.

Ao trabalhar as temáticas geográficas elencadas no Quadro 01, foi notório o estímulo das crianças e dos adolescentes quanto a surpresa de trabalhar a Geografia através da ludicidade teatral e dos versos rimados da literatura de cordel. As reações de empatia, ao unir suas experiências com as do personagem, citadas no esquete, possibilitou que o personagem em cena, vendo o retorno de apreciação do público, pudesse incentivar a curiosidade dos alunos em querer saber mais sobre as temáticas geográficas expostas em cena.

Sobre o clima semiárido

De acordo com Ramalho (2013), a temperatura da região semiárida é caracterizada com uma média anual de 28°C, influenciando na precipitação que oscila de 300mm a 800mm por ano. Isso faz com que a população procure locais favoráveis para sua ocupação, espalhando-se por todo o território semiárido, tanto em espaços urbanos como rurais, na busca por condições favoráveis para

agricultura, por exemplo. Essa variação na precipitação, nas condições do solo para o seu povoamento, foi descrita e dialogada na literatura de cordel:

Por aqui tem pouca chuva / Com verões de trovoada / Num calor de 25° a 28°C / Deixa o inverno com garoada/ O solo pode ser pedregoso / Mas não deixa de ser povoada (Cruz, 2023).

Com a desenvoltura do personagem cênico, foi possível estabelecer uma Geografia próxima da compreensão dos fenômenos climáticos do semiárido a partir da realidade ao qual está inserido, como a distribuição de chuvas no ano, o convívio em épocas de seca e a variação de temperaturas.

Sobre a fauna e flora do semiárido

Foram mostradas através de exemplos algumas espécies de plantas como o Licurizeiro (*Syagrus coronata*), Mandacaru (*Cereus jamacaru*), Juazeiro (*Ziziphus joazeiro*). Cabe reconhecer a riqueza da fauna e flora semiárida, marcada por uma vegetação adaptada à aridez, com a fisionomia variada formando a Caatinga, bioma predominante do clima semiárido, podendo encontrar copas com uma altura de até 10 metros e espécies acumuladoras de água em suas raízes como o Umbuzeiro (*Spondia tuberosa*) (Sá, Silva, 2010).

É necessário salientar a variedade de espécies endêmicas da caatinga ao se tratar da fauna, com uma variedade de animais que se adaptaram às condições climáticas, embora haja insuficiência de informação nos estudos dos mais diversos grupos de aves, insetos, anfíbios etc. colocando em ameaça de extinção muitos desses animais, como a Arara-azul (*Anodorhynchus hyacinthinus*) e o periquito-do-sertão (*Eupsittula cactorum*) (Sá, Silva, 2010). Essa biodiversidade dentro do semiárido, recitadas durante o cordel e que em sua maioria foram em parte reconhecidas pelo público, trouxe o entendimento de que algumas espécies são nativas do clima semiárido.

Após o final da cena, foi notório a falta de informação a respeito das espécies vegetativas xerófilas por parte do público presente, fazendo-se necessário a explicação por meio do ator em cena que “As plantas xerófilas são aquelas que toleram a escassez d’água, que fogem aos efeitos da deficiência hídrica ou que resistem à seca” (Duque, 2004, p. 31), assim como a presença da palmeira do Licuri (*Syagrus coronata*), árvore predominante na área ao qual estão inseridos, apresentando sua distribuição geográfica.

A interpretação teatral através da oralidade e das expressões do artista em cana para descrever a fauna e flora semiárida proporcionou o conhecimento adquirido que é pouco discutido no ensino formal, tornando o saber geográfico amplo, em que indivíduo se torna um aprendiz através da literatura de cordel com as expressões teatrais nunca assistidas ou trabalhadas na escola que frequenta. Na construção dos conhecimentos geográficos acerca do clima semiárido e reafirmando o que Silva (2018) escreve, é possível trabalhar uma Geografia que discuta as temáticas e não apenas descreva, promovendo uma educação em que os sujeitos sejam capazes de transformar o espaço ao qual estão inseridos.

Sobre a hidrografia e os aspectos sociais

Por se tratar de uma região com baixa pluviosidade, tendo alguns lugares com precipitação média anual de 400 mm, a evapotranspiração na região semiárida pode chegar até 2.500 mm no ano, provocando déficits hídricos. Devido a essa condição climática, não há uma troca entre o rio e o substrato adjacente, contribuindo na formação de rios temporários, em que a lâmina de água escoa durante o período chuvoso e seca nos meses seguintes. Há também a presença de rios perenes, localizados em áreas úmidas e que correm água durante todo o ano, tendo o Rio São Francisco como o curso d'água mais importante da região semiárida (Zanella, 2014).

Com o intuito de apresentar os impactos sociais através do uso do Rio São Francisco, com destaque na construção de barragens para a geração de energia elétrica, em que houve a remoção forçada de cerca de 72 mil pessoas, sendo deslocadas das cidades de Pilão Arcado, Casa-Nova, Remanso e Sento-Sé (Figura 03) para outras localidades devido a inundação da represa de Sobradinho-BA (Amaral, Santos, 2018), foi recitado o seguinte trecho do cordel:

Mas repare o que aconteceu / Remanso, Casa Nova, Sento Sé / Tanto lugar foi alagado por ali / Marcado por histórias de fé / Umas barragens foram construídas / Relocando o lugar de seu Zé (CRUZ, 2023).

Os impactos provocados pela desterritorialização com a construção dessas represas trouxeram a perda da identidade cultural coletiva, propriedades rurais e os padrões de organização social, além dos vínculos de amizades dentro da comunidade. Não esquecendo da perda material da população ribeirinha, como

suas casas, suas plantações e demais benfeitorias que foram inundadas (Cavalcante, 2011).

As expressões faciais de surpresa, tristeza, espanto etc. foram fundamentais para a construção do conhecimento acerca dos processos sociais causados ao longo da história dentro do semiárido. Fica evidente a necessidade de levar a Geografia histórica de espaços próximos do convívio dos alunos, a riqueza de saberes para além da construção de uma Geografia descritiva em sala de aula, visando contribuir na formação de alunos com uma consciência social e política ativa, partilhando dos saberes com a sua família e na comunidade ao qual convive.

Sobre a cultura

Entende-se cultura como “(...) uma realidade [...] que se impõe aos grupos e os condiciona (...). Ela aparece como uma espécie de superorganismo que molda os indivíduos e os grupos” (Claval, 2007, p.10). Ao trabalhar a cultura do semiárido, alguns não correlacionavam a temática com a Geografia ao qual estão inseridos e que por se tratar da identidade cultural, conseguiram trazer suas vivências junto às atividades teatrais realizadas dentro da associação ou experiências fora da instituição que remetiam a pluralidade cultural presente no cotidiano desses sujeitos.

A Geografia do semiárido apresentada através do teatro e das rimas cordelistas possibilitou relacionar a cultura com as características físicas do semiárido, a exemplo do próprio clima e seus recursos naturais, moldando um estilo de vida que influencia nas atividades econômicas, na alimentação ou nos saberes populares, como cita o cordel utilizado durante o esquete:

Quadrilha, reisado e repente / Distribuídos no interior nordestino / Culturas presentes na história / No plantio traz certo seu destino / Porque em março houve chuva / Costumes de Ana, Zefa, Celestino... (Cruz, 2023).

Numa relação dialética entre a cultura e o homem, a cultura molda o indivíduo, construídas a partir da maneira de ver e sentir ou a partir dos elementos fornecidos pelo espaço que está inserido, ao moldar-se, o seu comportamento vai sendo programado pela sociedade ou pela cultura. Nisso, é construído uma Geografia do próprio homem, com a qual a formação do sujeito é resultado da

cultura que lhe é atribuído bem mais do que a herança biológica, havendo uma transmissão das suas aquisições culturais de geração em geração (Claval, 2007).

Durante a realização da atividade foi possível perceber o entusiasmo do público em aprender algumas características culturais do semiárido. O personagem em cena possibilitou trazer para o espetáculo aparatos gestuais que envolviam e chamavam a atenção dos participantes, gestos que remeteram as danças populares, a agricultura etc. No destrinchar da literatura de cordel e das expressões teatrais uma nova perspectiva surgia sobre a relação entre semiárido, cultura e Geografia.

É fundamental trabalhar a Geografia cultural local a fim de contribuir na construção de uma identidade ao qual o indivíduo se identifique com o lugar que está inserido, em seus costumes enraizados no decorrer da história. A arte como forma de cultura cria possibilidades multifacetadas, como a exploração do espaço geográfico que ajuda na compreensão e diferenciação dos fenômenos geográficos ocorridos dentro e fora dos costumes dos sujeitos.

É notório que as atividades já desenvolvidas na associação relacionadas com a Geografia, com destaque para o clima semiárido, ficam explícito a familiaridade das crianças e adolescentes com alguns conteúdos. No entanto é preciso abranger a ideia de que o termo semiárido se trata de um fenômeno climático predominante da região ao qual estão inseridos. Como demonstra Santos e Santos (2020) o cenário geográfico é aberto para várias facetas para a leitura espacial e usar os meios artísticos (teatro, literatura etc.) ajuda nesse processo de entendimento das circunstâncias que está inserido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho possibilitou utilizar os espaços não formais de ensino como ferramenta para aplicar os estudos geográficos que antes eram presos aos currículos sem brechas para novas metodologias. O teatro e a literatura de cordel como recursos para o ensino e aprendizagem trazem para a educação um novo olhar para se trabalhar ou discutir temas em que o aluno ou qualquer outra pessoa possa se expressar através da fala, da escrita ou do corpo se inspirando através do aspecto visual de assistir, aprender e compreender.

A pesquisa foi realizada de maneira exitosa desde a idealização do projeto até a sua aplicação, abrindo destaque para a disponibilidade da ACRA e seus

representantes em oferecer total apoio durante o desenvolvimento do estudo e do entusiasmo das crianças em receber este projeto no decorrer de um único dia, fazendo com que essas crianças construíssem um conhecimento ainda não visto dentro do espaço escolar.

Com a assimilação dos alunos com seu cotidiano, é possível refletir que uma educação contextualizada facilita a compreensão e leitura do espaço geográfico. “(...) baseado na realidade e cotidiano social da população educanda, possibilitando contextualizar o processo de ensino/aprendizagem com a diversidade cultural de cada lugar” (Oliveira, Neto, 2021, p.64). Essa experiência reforça a necessidade de se pensar a educação para além dos muros escolares, considerando a arte como um recurso de transformação social e de valorização dos territórios do semiárido, apontando caminhos para futuras práticas e investigações no campo da educação geográfica.

A Geografia em cena permitiu e ainda permite, alçar novas metodologias como prática ao qual essa ciência possibilita e o uso do teatro e da literatura de cordel é apenas um dos ensejos que faz ir de encontro a esses novos caminhos. Além disso, transformar o professor em personagem teatral para transmitir ensinamentos pela arte, faz da Geografia e de outras ciências, uma visão contextualizada nas práticas educacionais que possibilitam a compreensão e atuação na sociedade a partir do pensamento crítico.

Em resumo, este artigo explorou a utilização dos espaços não formais de ensino como locais para promover a Geografia através da arte, com destaque para o teatro e a literatura de cordel. Fica evidente a necessidade de empregar a arte como recurso metodológico nas associações ou outras instituições de ensino. As descobertas encontradas e apresentadas neste trabalho, possibilitaram também um amplo conhecimento das características do clima semiárido para a formação de crianças e adolescentes, servindo de estímulo na discussão geográfica e inspiração na realização de novas pesquisas.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Adzamara Rejane Palha; SANTOS, Juracy M. dos. A barragem de Sobradinho e os atingidos de Sento-Sé-Ba. In: **Anais do CONADIS: Congresso Brasileiro de Diversidade do Semiárido**. 2018. p. 1-10.

BARROS, Dilsom; BARBOSA, Vilma de Lurdes. A literatura de cordel no ensino de geografia. **Anais do X Encontro de Ensino**, 2007.

BURLA, Gustavo; AGUIAR, Valéria Trevisan Burla de. **O Teatro e o Ensino de Geografia**. ENPEG. 10º Encontro Nacional de Prática de Ensino em Geografia. 30 ago/02 set, 2009, Porto Alegre, RS.

CAVALCANTE, Amparo de Jesus Barros Damasceno. Impactos nos processos morfológicos do baixo curso do rio São Francisco, decorrentes da construção de barragens. **Rio de Janeiro, Dissertação (Mestrado em Engenharia Oceânica). Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)**, 2011.

CLAVAL, Paul. **A geografia cultural**. Florianópolis: EDUFSC, 2007

COSTA, Alexandre Santiago da. Teatro-Educação e ludicidade: novas perspectivas em educação. **Revista Entreideias: educação, cultura e sociedade**, n. 8, 2004.

CRUZ, Airton Souza da. **Asa Branca no Semiárido**. [Cordel não publicado]. 2023. Trabalho apresentado na aplicação da pesquisa, Campo Formoso, BA.

CRUZ, Francisco Wilson Soares. Literatura de cordel: da rima popular ao ensino da geografia. **Revista Conexão Com Ciência**, n.3, v.2, 2022.

DUQUE, José Guimarães. **O Nordeste e as lavouras xerófilas**. 4ª ed. - Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 2004.

FERNANDES, Filipe de Souza. **Práticas pedagógicas de um professor-artista: o ensino de teatro em espaço não-formal**. Orientador: Prof. Ms. Tiago de Brito Cruvinel. 2015. 38 f. Licenciatura em Teatro, Universidade de Brasília, Ipatinga- MG, 2015.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo, Paz e Terra, 2011.

GADOTTI, Moacir. **A questão da educação formal/não-formal**. Sion, Suisse: Institut International d'és Droits de l'enfant-IDE, 2005.

GOHN, Maria da Glória. **Educação não formal e o educador social**. São Paulo: Editora Cortez, 2010.

GOHN, Maria da Glória. Educação não-formal, educador(a) social e projetos sociais de inclusão social. **Meta: Avaliação**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 28-43, jan./abr. 2009.

GOHN, Maria da Glória. **Educação não-formal e cultura política**. São Paulo: Cortez, 2011.

LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia e pedagogos, para quê?**. 12. ed. São Paulo. Cortez, 2010.

MENEZES, Welber Alves; CHIAPETTI, Rita Jaqueline Nogueira. O ensino de geografia na contemporaneidade: o uso da literatura de cordel. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, v. 5, n. 10, p. 235-257, 2015.

OLIVEIRA, Anderson Matheus André de. NETO, Sebastião de Alencar. O ensino de Geografia contextualizado no cenário do semiárido nordestino. In: SOUZA, S. O. LIMA, K. C. VALEZIO, E. V. SAMPAIO, S. A. **Perspectivas e desafios do Sertão Nordestino**. 1. ed. vol.3 – Senhor do Bonfim-BA: UnivASF, 2021.

PATRÍCIO, Maria Raquel. Educação formal, não formal e informal. **Literacias cívicas e críticas: refletir e praticar**, p. 105-107, 2019.

PELUSO, Daiane et al. O ESQUETE, UMA PRÁTICA NO ENSINO DE GEOGRAFIA. **Anais do 14º Encontro Nacional de Prática de Ensino de Geografia: políticas, linguagens e trajetórias**, p. 1992-2004, 2019.

PEREIRA, Diego; GUILARDUCI, Cláudio. Educação e teatro: considerações pedagógicas sobre o espaço não formal. **Educação em Foco**, v. 25, n. 45, p. 444-461, 2022.

PIZZA, Dulcinéia Galliano. A formação dos alunos de arte para atuar em contextos plurais. **Cadernos CEDES**, v. 42, p. 18-27, 2022.

RAMALHO, Maria Francisca de Jesus Lírio. A fragilidade ambiental do Nordeste brasileiro: o clima semiárido e as imprevisões das grandes estiagens. **Sociedade e Território**, Natal, v. 25, nº 2, p. 104-115, jul./dez. 2013.

RIBAS, Maria Cristina Cardoso; MALAFAIA, Rosana da Silva. Literatura de cordel e educação: um mosaico interartístico. **PÓS: Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG**, v. 11, n. 21, p. 61-89, 2021.

RODRIGUES, Maria Janiele de Almeida. **Literatura de cordel: uma estratégia lúdica no ensino de Geografia**. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Geografia) - Centro de Formação de Professores, Universidade Federal de Campina Grande, Cajazeiras, Paraíba, Brasil, 2017.

SÁ, I. B.; SILVA, P. C. G. S. **Semiárido Brasileiro: pesquisa, desenvolvimento e inovação** Pernambuco: Embrapa SemiÁrido, 2010.

SANTOS, Ivaneide Silva dos; SANTOS, Laiane Oliveira dos. Interações entre teatro e geografia na prática da educação geográfica. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, v. 10, n. 20, p. 475-497, 2020.

SILVA, Joseilton José de Araújo. **A utilização da literatura de cordel como instrumento didático metodológico no ensino de geografia**. 2012. 158 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2012.

SILVA, Maria Aurislane Carneiro da. Geografia em cenas e cenários: o teatro como promotor do ensino e aprendizagem em geografia. In: **Anais do VII Encontro Nacional das Licenciaturas; VI Seminário do PIBID; I Seminário da Residência Pedagógica**, 1., 5-7 dez. 2018, Fortaleza-CE. Editora Realize, 2018.

SILVA, Roberto Marinho Alves da. Entre o Combate à Seca e a Convivência com o Semiárido: políticas públicas e transição paradigmática. **Revista Econômica do Nordeste**, Fortaleza, v. 38, nº 3, jul-set. 2007.

SIMÃO, Selma Machado. Educação não formal, ensino de arte e comunidade: experiências voltadas ao enraizamento. **Cadernos CEDES**, v. 42, p. 51-60, 2022.

SOARES, Liana Macabu de Sousa. Teatralizando o ensino de Geografia. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, v. 3, n. 5, p. 57-81, 2013.

ZANELLA, Maria Elisa. Considerações sobre o clima e os recursos hídricos do semiárido nordestino. **Caderno Prudentino de Geografia**, v. 1, n. 36, p. 126-142, 2014.

APÊNDICE A- Livreto com a literatura de cordel

LITERATURA DE CORDEL

ASA BRANCA NO SEMIÁRIDO

AUTOR: AIRTON CRUZ
ANO: 2023

01

Chegando por aqui a observar
Vejo que todos querem aprender
Pois bem, aqui me apresento
Asa Branca é meu nome, muito prazer
Pode não ser um nome estranho
Vindo de uma canção tal proceder

Venho de uma região chamada semiárido
De característica seca e quente
Clima predominante do Nordeste
Torna forte a nossa gente
É por isso que vim aqui
apresentar o que tem presente

Por aqui tem pouca chuva
Com verões de trovada
Num calor de 25° a 28°C
Deixa o inverno com garoa
O solo pode ser pedregoso
Mas não deixa de ser povoada

02

No nosso clima semiárido
O bioma caatinga predomina
Rica de uma fauna única
Espécies de vários nomes denomina
Talvez você até conheça
E quem não conhece até descrimina

Jumento, arara-azul, tatu-bola
Carcará, galo-de-campina, Periquito-do-sertão
Iguana, cobra caninana, jararaca
Muitos já em extinção
Tanta riqueza em nossa volta
Mais de 1200 animais no sertão

Partindo para a nossa flora
Engana-se quem pensa diferente
Por achar que a seca não sustenta
Uma vegetação linda e inerente
Cercada por veredas ricas
A vegetação é dada como presente

03

Plantas como catingueira, mandacaru
Jurema preta, Icó e Juazeiro
Algumas dão frutos maravilhosos
É o caso do umbuzeiro
Tem também aquela que dá o licuri
Muito conhecido como licurizeiro

Eita como é rico o semiárido
Tendo uma beleza no meio disso
Um rio de nome São Francisco
Traz sustento e se torna submisso
Oferece lazer, cultura e diversão
O que não lhe falta é serviço

Mas repare o que aconteceu
Remanso, Casa Nova, Sento Sé
Tanto lugar foi alagado por ali
Marcado por histórias de fé
Umas barragens foram construídas
Relocando o lugar de seu Zé

04

Chego na melhor parte da viagem
Vivemos num celeiro cultural
Do teatro a comidas típicas
Daquele cordel no varal
Tem novela, música e forró
Inspirado de forma clara e natural

Junho isso é mais forte
São Pedro, Santo Antônio e São João
Eita que a fogueira esquenta
Torna forte a nossa tradição
Milho cozido, assado e pipoca
Aqui dieta não tem vez não

Quadrilha, reisado e repente
Distribuídos no interior nordestino
Culturas presentes na história
No plantio traz certo seu destino
Porque em março houve chuva
Costumes de Ana, Zefa, Celestino...

05

Como no passo da estrada
Preciso continuar a desbravar
Buscar novas histórias e saberes
Ter sempre algo para contar
Fazemos parte de um clima tão rico
É até desfeita não querer estudar

Aqui eu me despeço
Nessa história como explorador
Pertencente de um clima rico
Que tem eu e você de morador
Grato por lhe encontrar no semiárido
Pertencentes de um meio inspirador

ATÉ BREVE!

Recebido em 23 de julho de 2025
Aceito em 12 de dezembro de 2025